

## Jovens do samba: as construções identitárias negras no carnaval de rua de Bagé RS

Nilton Silva dos Santos<sup>1</sup>  
Rafael Rosa da Silva<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir acerca das representações identitárias negras que são forjadas por jovens músicos no carnaval de rua de Bagé. Dentro dos territórios negros onde as práticas carnavalescas são empreendidas, a participação de jovens se dá por inúmeras experiências musicais, que vão desde o envolvimento com diversos tipos de instrumentos, bem como na composição de sambas e sambas de enredo. Com isto, percebe-se que o período carnavalesco impulsiona e potencializa a participação de jovens na busca pela construção de suas identidades. Este trabalho busca entender como os espaços musicais podem ser forjados dentro dos territórios de periferia e de como os jovens que vivem nestes espaços constroem suas variadas identidades, tendo no carnaval um período importante de socialização. Para além do período momesco, estes jovens, por pertencerem à territórios negros de Bagé, buscam suas construções identitárias através de estilos de vida em que a música se apresenta de modo plural e diverso.

Palavras-Chave: Carnaval de Bagé; identidade; jovens; música.

### 1. Introdução

Através de uma pesquisa etnográfica realizada no carnaval de rua de Bagé em 2018, pude perceber a intensa participação de jovens nas agremiações, nas baterias e nos carros de som, como por exemplo, nos cavaquinhos e vozes. Em muitos casos, esta participação começa ainda quando crianças, onde estes jovens, por pertencerem a territórios onde as práticas carnavalescas se fazem presentes, “arranham” os primeiros instrumentos, geralmente nos intervalos dos ensaios. É comum a cada intervalo dos ensaios das agremiações carnavalescas de Bagé, vermos as crianças correndo em volta dos instrumentos ou pedindo para os adultos conduzi-las para poder batucar. São práticas como estas que levam inúmeros jovens a se interessarem pela musicalidade que o período de carnaval pode proporcionar.

Cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, Bagé conta com uma pequena população, estimada em aproximadamente 120 mil habitantes, estando distante cerca de 375 quilômetros da capital Porto Alegre e fazendo fronteira com o município uruguaio de Vichadero. Esta pacata cidade interiorana conta com uma grande extensão territorial, fazendo com que inúmeros bairros se encontrem afastados da região central. Movida pela agricultura e pelo comércio local, este concentrado no centro da cidade, Bagé apresenta um grande

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Humanas (Antropologia Cultural); Universidade Federal Fluminense; Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; [ninisants@gmail.com](mailto:ninisants@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Cultura e Territorialidades; Universidade Federal Fluminense; Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; [rafa\\_rosasilva@hotmail.com](mailto:rafa_rosasilva@hotmail.com).

contraste entre a população residente na região central e a que reside nos bairros mais afastados. São nestes territórios afastados do centro da cidade que se concentram grande parte das agremiações carnavalescas.

As entidades carnavalescas estão divididas em três categorias competitivas, sendo elas: blocos burlescos, blocos carnavalescos e escolas de samba. Desfilando na região central da cidade no período momesco, estas agremiações competem entre si, em desfiles noturnos que começam no sábado de carnaval e se estendem até segunda-feira. Acerca dos blocos burlescos, a definição de Maia (2008) dos blocos da cidade de Pelotas se aproxima das entidades de Bagé, onde o autor os define enquanto uma categoria que tem na sátira sua principal característica, usando de carros alegóricos montados com muita criatividade e com pouco recurso, das “fantasias e figurinos que vão do mais chique ao mais chulo, além da antiga tradição dos homens saírem vestidos de mulheres” (MAIA, 2008, p. 20). Dentro desta categoria, há quesitos a serem julgados, como por exemplo, samba-enredo, bateria e alegorias. Já os blocos carnavalescos,

Obedecem a um enredo, que deve ser apresentado e evoluído através da composição de alas, estas com fantasias. As confecções dos carros alegóricos já exigem mais acabamento e se dispensam carros motorizados. No lugar do mestre sala e porta bandeira, existe a porta estandarte, figura responsável por apresentar o símbolo da agremiação. Os desfiles apresentam poucas alas, sendo a bateria composta por aproximadamente trinta indivíduos. Os quesitos a serem julgados são os mesmos dos blocos burlescos, apresentando uma pequena mudança na evolução, onde o humor não é avaliado (SILVA, 2019, p. 21).

Por fim, as escolas de samba costumam encerrar os desfiles competitivos,

Estas agremiações seguem um modelo parecido com as escolas do Rio de Janeiro e São Paulo no que diz respeito aos quesitos, como carros alegóricos, fantasias e alas. O público em geral mais prestigia do que desfila, tendo em vista a verba escassa que as mesmas recebem para confeccionar suas fantasias (SILVA, 2019, p. 21-2).

Estas agremiações carnavalescas movimentam as comunidades no período momesco, fazendo parte da construção das identidades desses foliões/moradores, entre eles os jovens que crescem tendo como referências musicais este período.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo perceber como as representações identitárias são forjadas por jovens envolvidos com as práticas carnavalescas de Bagé. Dentro dos territórios negros, a participação dos jovens se dá por inúmeras experiências musicais, que vão desde o envolvimento com instrumentos, até na parte autoral. Este trabalho busca entender como os espaços musicais podem ser forjados dentro dos territórios de periferia e de como os jovens que vivem nestes espaços constroem suas identidades. Para além do período

momesco, estes jovens, por pertencerem à territórios negros, buscam suas construções identitárias através de estilos de vida em que a música se apresenta de modo diversificado.

## 2. Construções identitárias em territórios de periferia

Os estudos acerca da cidade de Bagé e as práticas carnavalescas nos ajudam a quebrar alguns estereótipos na historiografia gaúcha. Diversos autores invisibilizam as contribuições dos sujeitos negros e negras em solo sul-rio-grandense e isto acaba por silenciar, em muitas situações, as inúmeras práticas e protagonismos dos descendentes de africanos que cruzaram o atlântico no período escravista. Porém, para entendermos as manifestações empreendidas por estes sujeitos em solo gaúcho, precisamos entender os espaços onde os mesmos se encontram. Como dito na introdução deste artigo, a cidade de Bagé conta com inúmeros bairros que se encontram afastados da região central. Estes territórios apresentam um grande contraste com relação aos casarões que ainda se mantêm erguidos no centro da cidade, bem como contrasta com as mansões que podem ser encontradas em bairros, como por exemplo, o Jardim do Castelo<sup>3</sup>, reduto da classe média alta e que se encontra perto da região central.

Acerca dos territórios afastados, bem como os que se encontram nas adjacências da região central e que apresentam características que os distinguem da classe média e média alta, os entendo na perspectiva de territórios negros localizados ao sul do Brasil. Dentro desta categoria, a antropóloga Ilka Boaventura Leite nos ajuda a entendê-los enquanto um espaço demarcado por limites e reconhecidos por aqueles que fazem parte dele. O território, para a autora, seria uma das “referências do processo de identificação coletiva” (LEITE, 1991, p. 40). Para o historiador Losvaldyr Bittencourt Jr, os territórios negros estariam ligados a construção de singularidades socioculturais de matriz afro-brasileira, ao mesmo tempo em que seriam “um objeto histórico de exclusão social” (BITTENCOURT Jr, 2005, p. 37). Portanto, nestas duas perspectivas, vemos a formação destes territórios enquanto espaços de identificação coletiva, assim como de exclusão. Estas duas definições estão presentes nos territórios negros em Bagé, onde as práticas carnavalescas ajudam na formação de uma unidade e identificação coletiva, ao passo em que o afastamento da região central e os estigmas que estas comunidades recebem faz com que haja um processo de exclusão social.

---

<sup>3</sup> “O Jardim do Castelo é um bairro praticamente exclusivo para moradores, pois apesar de não ser fechado, dificilmente nota-se a presença de *não moradores* circulando neste espaço. Assim como o bairro Jardim do Castelo, temos o Tiarajú, este mais afastado do centro e que também têm em sua característica os grandes casarões.” (Silva, 2019, p.38).

Num artigo escrito a quatro mãos intitulado *Negro drama. Racismo, segregação e violência policial nas periferias de Lisboa*, Otávio Raposo, Ana Rita Alves, Pedro Varela e Cristina Roldão trazem a perspectiva dos territórios de periferia de Lisboa, em Portugal, onde a violência policial e o racismo institucional se fazem presentes nestes espaços de segregação enquanto políticas de estado. Os jovens negros portugueses acabam sendo vítimas de uma política de estado que se traduz, segundo os autores, “num tratamento abusivo das forças de ordem”. (RAPOSO et al., 2019, p. 10). Partindo de uma perspectiva que os aproxima dos territórios negros brasileiros e em particular no caso de Bagé, estes autores apontam que os territórios periféricos de Lisboa, ou os territórios a margem, são denominados bairros “problemáticos”, “críticos” e que acabam sendo responsáveis pela criação de um discurso que acaba por legitimar os aparatos do estado a atuarem de forma repreensiva, associando, na sua grande maioria, os jovens negros e afrodescendentes a uma vida de crimes. Por conta da construção desta narrativa – sendo amplamente potencializada pelos canais de comunicação – há uma associação dos moradores destes espaços e a relação destes com crimes e tráficos de drogas, o que acarreta na racialização do crime e da periferia, como bem afirmam os autores. Apresentando o bairro Cova da Moura, um dos maiores de Lisboa, com uma população estimada entre seis a dez mil habitantes, os autores apontam para os processos de estigmatização deste território, frequentemente associado a uma narrativa que envolve tráfico de drogas e violência e onde os veículos de comunicação acabam por reforçar o estereótipo de um lugar de “delinquência” e crimes.

É interessante perceber o quanto as características apresentadas pelos autores acerca da Cova da Moura (os relatos de moradores sobre as práticas violentas das incursões policiais no bairro) se aproximam dos territórios periféricos brasileiros, onde costumemente nos deparamos com noticiários que mostram as inúmeras violências policiais em que os moradores destes territórios estão expostos. Estas violências, além de fazerem parte do cotidiano dos sujeitos negros e negras, acabam também por ajudar a construir uma narrativa – reforçada também pelos veículos de comunicação – que colabora para que estes espaços sejam vistos enquanto redutos de criminosos e traficantes. Ao trazerem os relatos de uma incursão policial que acabou por deter um jovem negro, Raposo *et al.*, (2019) apresentam uma situação de extrema violência policial dentro de um território negro, onde cinco jovens acabariam sendo espancados e ameaçados de morte dentro de uma esquadra da polícia. Percebe-se que a situação vivida por estes jovens também ocorre em solo brasileiro, assim como na cidade de Bagé, onde os sujeitos negros também costumam passar por situações que estão além do abuso de autoridade, configurando-se, em muitos casos, na prática de racismo.

São nestes locais, onde jovens crescem entendendo as dinâmicas e os percalços que estão por detrás de uma vida a margem, que o carnaval de rua se torna um espaço que acaba por afirmar uma identidade positiva, que em muitas ocasiões coloca o próprio bairro/comunidade enquanto um lugar bom pra se viver. As práticas carnavalescas que são empreendidas durante o ano pelas agremiações (bingos, festas, almoços e jantares) aproxima, incentiva e integra os jovens destes espaços, fazendo com que o carnaval se torne não somente uma atividade restrita a aproximadamente dois ou três meses – pré-carnaval e desfiles – e sim o ano todo.

Dentro dos territórios negros onde o carnaval faz parte da construção identitária dos sujeitos negros e negras, as afirmações destes espaços estão presentes nos cânticos e lamentos das agremiações. Um importante território negro na cidade de Bagé é o Alto da Santa Casa, local onde inúmeras agremiações carnavalescas fincaram suas raízes. O Alto, como assim é chamado por seus moradores, está localizado nas adjacências do Centro da cidade. É uma comunidade conhecida por ser um dos berços do carnaval bageense,

Ao “descer” a comunidade, percebe-se que há uma mudança com relação à parte de cima, pois não há calçamento em grande parte das ruas e as casas tem uma fachada simples, algumas contendo só um reboco, além da luminosidade ser menor, fazendo com que no período da noite fique mais escuro. Neste trecho, nota-se que as famílias são compostas majoritariamente de negros e negras em relação à parte alta. Nas esquinas, é comum encontrarmos jovens da comunidade reunidos, principalmente no período da noite. Também percebe-se pichações em paredes com os dizeres: *comunidade do alto e alto*. Há um forte laço de parentesco presente na comunidade, o que torna este espaço um tanto familiar. Estes laços são reforçados no período do carnaval, onde o bloco burlesco *Se Colá Colô* se torna um grande espaço de socialização. A entidade, fundada em 1984, é uma das mais conhecidas e prestigiadas atualmente no carnaval de rua de Bagé, levando para os ensaios e desfiles centenas de foliões. (SILVA, 2019, p. 40).

O bloco burlesco *Se Colá Colô* é a única entidade que ainda mantém suas atividades no Alto da Santa Casa. A agremiação, fundada na década de 1980, é uma das mais tradicionais do carnaval burlesco bageense, “arrastando” milhares de foliões em seus desfiles e trazendo centenas em seus ensaios. Ao andarmos pela comunidade nos períodos de carnaval, percebemos uma intensa movimentação de jovens que se envolvem tanto com os instrumentos (na bateria), como no carro de som (cavaquinhos e voz) e também das crianças que ficam em volta dos instrumentos a cada pausa nos ensaios. Acerca das alegorias que são montadas para os desfiles, é comum vermos os jovens envolvidos nas confecções, pintando, recortando, desenhando e ajudando nos fazeres que envolvem este período. Estas práticas, que contam com a presença de jovens desde cedo, acaba por colaborar para que seja forjada uma identidade que liga estes jovens ao carnaval, pois é comum que quanto mais familiaridade e

proximidade estes jovens estejam das agremiações, maior a tendência de estes fazerem parte de quadros diretivos no futuro. Com isto, o carnaval torna-se um espaço que ajuda a forjar identidades, envolvendo práticas instrumentais que potencializam jovens a tornarem-se musicistas em bandas locais, como por exemplo, a extinta banda de pagode *Moleque Atrevido*, no qual faziam parte membros do bloco burlesco *Se Colá Colô*.

A construção dos espaços carnavalescos e a consequente afirmação identitária também pode ser sentida em letras, cânticos e lamentos das agremiações. É comum que as comunidades sejam lembradas nas letras ou mesmo nos lamentos que antecedem os sambas enredos,

“E, quando chega o carnaval, eu crio asas, vou pro Brasa pro Alto da Santa Casa”, (bloco burlesco *Brasa Viva*). “Sou Colá Colô, faço samba por amor, eu vim lá do Alto mostrar meu valor”, (bloco burlesco *Se Colá Colô*). “Eu sou Gatões, eu vou cantar, eu vim lá do São Bernardo e o meu samba eu vou mostrar”, (bloco burlesco *Os Gatões*). “Eu sou BX, eu sou, Aqui Agora carnaval com muito amor”, (bloco burlesco *Aqui Agora*). Neste último trecho, BX faz referência à Baixada, comunidade onde está inserida a agremiação. Percebe-se com isso, a importância e a força das comunidades nas construções de elos junto das agremiações, mostrando um caráter de afirmação territorial. (SILVA, 2019, p. 99).

A afirmação de uma identidade voltada para o território está muito presente na vida dos jovens ligados aos espaços de periferia e o carnaval acaba por colaborar para esta afirmação. A presença do bairro nas letras de sambas e nos lamentos se apresenta enquanto uma pertença, ou seja, o Alto da Santa Casa, a Baixada e São Bernardo, por exemplo, são constantemente afirmados e positivados pelos sujeitos que participam do carnaval enquanto espaços de produção de uma cultura carnavalesca. Esta demarcação do território pautado na positividade está presente no artigo de Raposo (2010), onde o autor, ao apresentar o rap negro de Lisboa, em Portugal, nos traz elementos para entendermos como os jovens ligados aos espaços periféricos da cidade portuguesa acabam por subverter um discurso estigmatizante acerca dos territórios negros.

O território de Arrentela – conselho de Seixal, dentro da área metropolitana de Lisboa – é o local de origem da *Gangue dos Olhos Vermelhos* (Red Eyes Gang). Formada por grande maioria de jovens negros ou descendentes de africanos, este grupo usa da música rap para forjar um estilo de vida e espaços de sociabilidades. Ao abordar o termo “cultura juvenis”, Raposo (2010) procura apontar para a pluralidade e diversidade interna dos grupos jovens, que por mais que estejam partilhando de um mesmo território, não apresentam um caráter homogêneo em seus estilos e modos de vida. Trazendo duas correntes que abordam o tema “juventude”, o autor aponta para a importância de olharmos para os jovens na perspectiva

plural, entendendo que uma das correntes – geracional – apresenta os conflitos entre gerações, dando foco exclusivo em suas relações sociais. Por outro lado, a corrente classista, para o autor, irá tratar a juventude enquanto um conjunto social diversificado, apresentando-se enquanto “produtos de relações antagônicas de classe” (RAPOSO, 2010, p. 129). O que difere estas correntes é o caráter homogêneo e heterogêneo que ambas irão apresentar, sendo a corrente geracional marcada por uma tendência homogeneizante.

Da mesma maneira que a música rap em Lisboa está ligada a afirmação e pertença ao território negro, em Bagé também se percebe um subgênero oriundo do rap: o trap, que se apresenta enquanto um marcador identitário dos grupos negros e de periferia. Nascido no Alto da Santa Casa e por muitos anos ligado ao samba e pagode, Erique Soares, um dos fundadores, na primeira metade dos anos 2000, do grupo de pagode *Moleque Atrevido*, afirma que o trap, além de falar de amor e sentimentos, também aponta para as vivências dos jovens negros e periféricos. Envolvido com o rap a mais de 14 anos, Erique também nos ajuda a entender o caráter heterogêneo acerca das formações identitárias jovens. Mesmo nascido e crescido num território conhecido pelo samba e carnaval, Erique afirma que este universo acabou se tornando prejudicial para suas aspirações enquanto músico. Para Erique, há uma desunião dentro do universo do samba bageense, ao mesmo tempo que há uma desvalorização por parte dos músicos mais antigos em relação aos jovens. Para o músico nascido no Alto, o rap bageense também apresenta um aspecto de desunião, onde não há solidariedade entre os artistas, além de se configurar enquanto um espaço de extrema individualidade. A visão de Erique acerca do universo do rap bageense não se caracteriza enquanto única e exclusiva, tendo em vista a pluralidade dos jovens envolvidos com este gênero musical na cidade. A não romantização acerca de determinadas manifestações culturais tende a apresentar o seu aspecto não homogêneo.

A pertença ao território, por mais que possa agregar os jovens de um mesmo espaço, apresentará diferentes estilos, modos de ver e pensar os espaços, modos de compartilhar determinada pertença. Esta partilha, como bem aponta Raposo (2010) se caracteriza como estilos e rituais de sociabilidade,

Sem uma organização formal, a sua adesão é de âmbito local e expressa uma relação afectiva dos jovens com o seu habitat e os seus “iguais”, constituindo-se como uma estrutura de consagração da união e da amizade dos jovens da Arrentela. Muitos vão e voltam da escola juntos; à tarde, reúnem-se para jogar à bola ou navegar na Internet; e à noite encontram-se numa das esquinas do bairro para conversar sobre música e raparigas (é comum estarem mais de duas dezenas de jovens a conviver nas ruas do bairro). As risadas e os gritos constantes são componentes de um modo de estar que valoriza a diversão e o humor. Enquanto se divertem, gozam uns dos outros e afirmam um jeito de estar na vida que desvaloriza determinados tipos de

normas e instituições (escola, trabalho, polícia, etc.) que não vão ao encontro das suas formas de viver o mundo. São esses os principais momentos de confraternização do colectivo, rituais que celebram a amizade e a união entre eles. (RAPOSO, 2010, p. 131-2).

O sentimento de pertença dentro de um território negro também ocorre nos muros dos bairros. São nestes espaços abertos que são forjadas sociabilidades e que são criados estilos próprios de ser jovem. Muito próximo do que Raposo (2010) aponta na periferia de Lisboa, no Alto da Santa Casa, o sentimento de pertença em relação ao próprio grupo e território também é manifestado em espaços abertos. É comum vermos jovens reunidos nos muros – estes carregados com grifos de *Alto* – conversando, bebendo, paquerando, manifestando um estilo próprio de ser jovem num território negro ao sul do Rio Grande do Sul. Numa das esquinas que são pontos de encontro no Alto, é possível encontrar um sofá, onde jovens se reúnem, em especial nos períodos de verão, junto com sujeitos mais velhos, para beber e conversar. Com isto, as ruas acabam se tornando referências para inúmeros jovens que convivem entre si e que acabam criando estilos próprios de manifestar a juventude. Estas referências forjam identidades ligadas a estes territórios, como por exemplo, a música rap na periferia de Lisboa e o carnaval na cidade de Bagé. Se o rap ajuda a escancarar o racismo que diariamente assola os grupos negros de Lisboa, o carnaval e as letras dos lamentos dos blocos de Bagé que reforçam a pertença ao território colaboram para a positivação de um discurso que costumeiramente estigmatiza os espaços periféricos e os jovens que neles vivem.

### **3. Jovens do samba: música e construções identitárias**

O período carnavalesco bageense acaba por movimentar musicistas, que perambulam entre as agremiações ajudando no carro de som e atuando como interpretes. A música, dentro destes espaços, faz com que redes sejam criadas por diferentes interlocutores, ao passo que o samba se torna a força motriz que ajuda na movimentação destes sujeitos. Inúmeros jovens participam ativamente destas redes, em sua grande maioria atuando como musicistas nos ensaios e desfiles de diferentes agremiações carnavalescas.

Na etnografia realizada nos ensaios e desfiles burlescos no carnaval de 2018, pude perceber a intensa participação de jovens atuando junto ao carro de som. Michel Munhós Colares, conhecido como Xexél, um dos intérpretes do bloco burlesco *Os Gatões*, entidade da comunidade do São Bernardo, zona norte de Bagé, participa ativamente dos desfiles da entidade que fora fundada por seu pai. São mais de 10 anos e 2 títulos a frente do carro de som da agremiação. Xexél afirma que seu pai, mestre Toquinho, sempre tocou violão e que

seu avô materno tocava cavaquinho na escola de samba *Aí Vem o Barão*. Já seu avô paterno fora intérprete no bloco carnavalesco *Garotos da Batucada*. Xexél foi ao longo dos anos se interessando por vários tipos de instrumentos, tomando gosto, por fim, pela harmonia. Para além da participação no período momesco bageense, Xexél também é membro do grupo de pagode *Pretinho Básico*, onde toca teclado e canta. Além de sua participação enquanto intérprete nos *Gatões*, o mesmo também atua nas composições dos sambas enredos, sendo de sua autoria o samba para o carnaval de 2018. Percebe-se que há uma transmissão musical na família de Xexél, começando, segundo sua narrativa, pela influência de seus avôs e seu pai. Essa transmissão tem ligação tanto com o contexto familiar como pelo meio social. Segundo Frydberg (2011), o gosto pela música pode acontecer pelo simples ato de se escutar músicas, como também pela experiência proporcionada pela família de conhecer e conviver em ambientes musicais e de sociabilidades (FRYDBERG, 2011, p. 104-5).

As redes que são formadas dentro dos espaços carnavalescos de Bagé podem ser analisadas enquanto circuitos (GOÉS & SANTOS, 2015, p. 13). Circuitos são entendidos na perspectiva de espaços de convivência e redes de associativismos, sendo responsáveis pela organização e interferência nos espaços urbanos. Mesmo que Goés & Santos (2015) estejam pensando a noção de circuitos dentro dos espaços da metrópole, esta categoria pode nos ajudar a entender as dinâmicas que estão por detrás das redes que são forjadas na região central e nos territórios negros durante o período carnavalesco em Bagé. Uma categoria interessante para pensarmos esses circuitos e a circularidade dos sujeitos ligados a música neste período diz respeito aos mediadores socioculturais, que atuam em variados espaços, dialogando com diferentes públicos e ajudando na divulgação dos festejos. Tem-se o exemplo do mestre Caco, que fora uma figura importante no meio carnavalesco de Bagé. Sujeito de pele negra retinta, foi o fundador de um dos blocos carnavalescos mais conhecidos na cidade, o *Bom Cabrito Não Berra*, do bairro Lagoão da Pedra, zona oeste de Bagé. Caco, conhecido no meio carnavalesco e também fora dele como o *Príncipe do Samba*, costumava transitar pelas diferentes camadas sociais da cidade, onde buscava, em muitos casos, homenagear sujeitos tidos como “figuras ilustres”, afim de conseguir angariar verbas para o custeio dos seus desfiles. Esta estratégia, de homenagear algum cidadão “ilustre” e de classe média local fora uma importante ferramenta para que muitos blocos pudessem contar com auxílios externos a Secretaria de Cultura e Turismo, tendo em vista os recursos sempre escassos que eram disponibilizados para as agremiações.

Portanto, a noção de mediadores socioculturais, como no caso do mestre Caco, nos ajuda a entender não somente os diferentes caminhos que os sujeitos carnavalescos

empreendem, bem como as estratégias que são potencializadas pelos circuitos musicais na cidade. Caco, enquanto um sujeito respeitado dentro do samba bageense, abriu as portas para que jovens músicos pudessem transitar dentro de diferentes espaços proporcionados pelo carnaval local (blocos de rua e carnavais de salões). Com isto, o carnaval se apresenta não somente enquanto um período para se brincar, como também para trabalhar. Cavaquinistas transitam entre diferentes blocos, como por exemplo, Rodrigo, que atuou nos desfiles de 2018 nas *Mimosas do Jacaré*, na escola de samba *Estrela D'Alva* e no bloco burlesco *Se Colá Colô*. Percebemos que este trânsito também está para fora do período momesco local, como fora citado no caso de Xexél, que além de atuar como intérprete no bloco burlesco *Os Gatões*, também é tecladista na banda de pagode *Pretinho Básico*.

Os deslocamentos empreendidos por musicistas corroboram para a construção de identidades ligadas a música, mais precisamente o samba. Entre os inúmeros fatores que podem levar a estes deslocamentos, estão as práticas de sociabilidades que emergem dos territórios negros que são forjados no período carnavalesco de Bagé. Para além dos territórios negros fixos, ou seja, aqueles que colaboram para a formação das comunidades, estão também presentes os territórios negros de interação. Para Leite (1991), podem existir dois tipos de territórios negros: residenciais e interacionais. A antropóloga afirma que os territórios de ocupações residenciais se caracterizam por lugares fixos, demarcados por códigos de pertencimento e mecanismos de solidariedade, como por exemplo, um centro de candomblé ou mesmo a sede de alguma agremiação carnavalesca. Já os territórios de ocupação interacional se caracterizam por pontos de encontros, onde operam as lógicas de trocas e a formação de espaços de sociabilidade (LEITE, 1991, p. 42-3), tendo como exemplo o centro da cidade de Bagé, local onde ocorrem os desfiles carnavalescos.

Jovem negro do Alto da Santa Casa, Cristiano Fagundes afirma que o carnaval está presente na sua vida desde a infância. Nascido na comunidade do 4A, zona oeste de Bagé, Cristiano veio para o Alto ainda criança. Seus pais foram fundadores de um dos blocos burlescos mais tradicionais da cidade, o *Guela Seca*. Desde que veio morar no Alto junto de seus pais, se envolveu com o bloco burlesco *Se Colá Colô*. Para Cristiano, carnaval e samba fazem parte da sua essência, sendo que estas duas manifestações se completam e o ajudam a formar seu estilo de viver. Multi-instrumentista, além de ter em sua casa inúmeros instrumentos – sendo todos ligados à grupos de pagode e samba – Cristiano afirma que seu gosto é eclético e que o mesmo gosta de vários estilos musicais. O Alto da Santa Casa, apesar de não ser o lugar de nascimento deste jovem músico, é o espaço onde o mesmo se sente protegido, sendo em suas palavras o seu “chão”. É no Alto que Tiano, como assim é

conhecido na comunidade, pode circular à vontade, sentindo-se protegido pelos demais moradores. Mesmo fazendo questão de pontuar as diferenças que existem entre os moradores do Alto, Tiano enxerga como um ponto positivo a pluralidade e os diferentes estilos que ali são forjados. Esta prerrogativa vai de encontro com o que pontuam Carles Feixa e Pan Nilan (2009) acerca das identidades jovens e seus aspectos plurais. Trabalhando com a noção de mundos plurais, os autores apontam para o caráter de negociação que pode ser empreendido com diferentes identidades disponíveis (FEIXA & NILAN, 2009, p. 15). Ao afirmar que seu gosto musical é eclético, Tiano nos ajuda a compreender que por mais que carnaval e samba façam parte da sua construção identitária, outras possibilidades e universos musicais estão disponíveis para possíveis diálogos e trânsitos.

Mesmo se tratando de uma cidade interiorana e de pequeno porte, acredito que Bagé se constitui enquanto uma chave analítica que nos ajudaria a pensar os processos híbridos de construção de identidades atrelados aos processos de globalização. O que torna essa análise possível é o fato de haver uma diferença nos processos de construções identitárias dos jovens de diferentes camadas sociais. Segundo Feixa e Nilan (2009) acerca dos processos de modernização, os jovens de camadas não privilegiadas tendem a ter uma entrada precoce na vida adulta, como por exemplo no mercado de trabalho e em atividades sexuais. No caso dos jovens de camadas privilegiadas, costumeiramente não se percebe essa entrada precoce na vida adulta, tendo em vista as perspectivas que são manifestadas pelas diferenças de cunho classistas. No universo carnavalesco, é possível analisar a intensa participação de adolescentes consumindo bebidas alcoólicas nos ensaios, de vermos também jovens mães que carregam seus filhos em carrinhos, muitas vezes acompanhadas por pais também jovens. Com isto, essa aceleração, no caso dos jovens de classes não privilegiadas, acarreta diretamente nos processos de hibridização (FEIXA & NILAN, 2009, p. 16). Estes processos, presentes em estudos que abordam os processos de modernização e globalização, também são percebidos dentro de territórios de periferia, como no caso dos territórios negros em Bagé. Através de uma categoria não homogeneizante, os grupos que fazem parte de territórios estigmatizados – pelas políticas de estado e pela construção preconceituosa de um imaginário local – se constituem de maneira heterogênea, pois acabam por dialogar com diferentes manifestações culturais, forjando estilos juvenis próprios dentro dos seus territórios.

Os processos de globalização e modernização, por afetarem diretamente nas construções identitárias dos jovens, acaba por proporcionar campos privilegiados acerca dos processos híbridos. Identidades atravessadas, universo cosmopolita, mundos plurais, identidades em crises, todas estas categorias podem ser costuradas e problematizadas quando

pensamos os territórios negros de Bagé e as manifestações carnavalescas e musicais que emanam destes espaços. Percebe-se que as narrativas de Tiano e Xexél nos apresentam similaridades acerca dos processos de transmissão musical, tendo em vista os pais de Tiano serem fundadores de uma agremiação burlesca e os avós de Xexél terem participado de importantes entidades carnavalescas. O samba, gênero que faz parte do universo carnavalesco bageense, exerce forte influência no Alto da Santa Casa, ao passo que também se apresenta enquanto mais uma categoria musical para os jovens, fazendo com que os mesmos busquem suas construções identitárias através de inúmeras possibilidades que também estão disponíveis.

Por mais que Tiano defina seu gosto musical enquanto eclético, fica evidente o seu envolvimento com o samba e o bloco burlesco *Se Colá Colô*. Passando por inúmeros instrumentos ao longo de sua trajetória na agremiação, Tiano, por último, foi o responsável por conduzir a bateria do bloco no desfile de carnaval de 2020. Nos ensaios, era possível perceber suas habilidades enquanto instrumentista, onde nos intervalos costumeiramente acontecia uma roda de samba. Atuando tanto como mestre de bateria como tocando algum instrumento, Tiano exibia total conhecimento do universo burlesco do carnaval de Bagé. Fica evidente que a participação de jovens nas manifestações carnavalescas – seja por influência familiar ou mesmo pelo contexto social – faz com que os sujeitos criem laços de identificação e pertença com determinadas agremiações, como fora demonstrado no caso de Tiano e Xexél.

Se tratando do apoio do poder público no carnaval de rua de Bagé, Tiano mostrou um descontentamento em relação aos baixos investimentos, fazendo com que não haja ações que possam proporcionar aos jovens do Alto, por exemplo, uma maneira de viver o ano todo o carnaval. Raposo & Aderaldo (2019), num trabalho que versa sobre as políticas públicas e ações do estado em periferias de Lisboa e São Paulo, nos ajudam a perceber o quanto a presença do estado em territórios de periferia pode se caracterizar enquanto uma estratégia de controle e vigia. Os autores, além de apresentarem os programas sociais VAI (Valorização de Iniciativas Culturais) em São Paulo e o PE (Programa Escolhas) em Portugal, trazem importantes contribuições acerca da estigmatização dos territórios de periferia, assim como os possíveis diálogos entre os jovens beneficiados pelos programas sociais com os aparelhos do estado. O Programa Escolhas (PE) tinha como objetivo dar uma resposta à questão da violência juvenil em Lisboa, porém acabou contrastando com outras demandas dos jovens, como por exemplo, o desejo da fundação de uma associação local. Tendo o caráter governamental, o PE objetivava a diminuição de crimes e a ocupação do tempo livre de jovens tidos como “problemáticos”, ao passo que estes, através de uma associação chamada *Encontros*, objetivavam a criação de um estúdio para rappers. Por mais que futuramente o PE

acabaria sendo um facilitador e mediador entre os jovens do grupo *Encontro* com o estado, esta atividade não se deu de maneira pacífica, fazendo parte do processo inúmeras “rusgas” entre seus membros. Acerca do VAI, o objetivo de políticas públicas voltadas para os jovens da periferia de São Paulo se tornaria problemática, tendo em vista os conflitos entre os agentes do estado e os grupos beneficiários destas políticas. A busca pela autonomia e o possível uso destes jovens pelo estado motivariam muitos descontentamentos e uma visão presa acerca de políticas públicas (RAPOSO & ADERALDO, 2019, p. 120).

Percebe-se que as inúmeras “rusgas” existentes entre os jovens de periferia e agentes de estado podem estar motivadas não só pela falta de ações e políticas públicas voltadas para esta camada, como também pelo possível controle e falta de autonomia que possa vir a existir em caso de tentativa de aplicação de algum projeto cultural. A tentativa do estado em manter um controle dos jovens tidos como “problemáticos”, como bem apontam Raposo & Aderaldo (2019), tem relação com a estigmatização dos espaços de periferia, onde os territórios negros de Bagé não fugiriam a regra. Como pontuou Tiano acerca da atuação do município durante o ano e o possível benefício que seria trazido para os jovens do Alto da Santa Casa, a própria ausência de políticas públicas voltadas para os territórios negros acabam por revelar a estigmatização destes espaços. Tanto o carnaval quanto o samba que fazem parte das manifestações culturais do Alto estão envoltos numa narrativa que envolve a construção de identidades, a estigmatização dos territórios e as inúmeras diferenças que se originam a partir destes contextos.

Para falarmos das construções identitárias que podem emergir dos territórios negros em Bagé, palavras-chaves, como por exemplo, carnaval, samba, estigmatização, racismo e classes desprivilegiadas não poderiam faltar. A junção destas palavras, colocadas em contexto e problematizadas, fornece ferramentas necessárias para entendermos os processos e as dinâmicas identitárias. Samba e carnaval estão presentes nas narrativas dos sujeitos mais velhos do Alto da Santa Casa como as referências que destacam a comunidade em relação aos outros bairros. Já os jovens bambas, como por exemplo, Tiano e Xexél, inspiram-se nos mais velhos, buscando suas referências dentro de casa e as manifestando musicalmente em suas determinadas agremiações. Para o jovem sambista, a música se apresenta como um fator identitário marcado por referências territoriais e familiares. Os territórios negros de ocupações interacionais ajudam a forjar espaços de sociabilidade onde samba e carnaval se apresentam enquanto elementos imprescindíveis na formação identitária de jovens periféricos.

#### **4. Considerações finais**

As diversas construções identitárias que são forjadas dentro dos territórios de periferia nos apontam para um caráter heterogêneo, onde percebemos a pluralidade e diversidade na criação de estilos de vida. Por mais que as práticas carnavalescas que são empreendidas dentro dos territórios negros em Bagé colaborem para a formação de uma identidade ligada ao samba, percebe-se que outros estilos musicais, como por exemplo, o rap, também esteja disponível para os jovens destes territórios.

Este trabalho procurou discutir acerca das construções identitárias que são forjadas dentro dos territórios negros em Bagé, onde carnaval e samba se apresentam enquanto categorias de afirmação e definição de ser jovem. A afirmação dos territórios enquanto pertença por jovens músicos rappers em Lisboa, bem como os lamentos das agremiações bageenses que reforçam a afirmação territorial, faz com que a música se constitua enquanto elemento importante de afirmação identitária. A criação de estilos próprios de vida nos espaços de periferia tem relação com os processos de hibridização, no qual os jovens de diferentes classes sociais acabam por partilhar estilos diferentes, como por exemplo, a entrada precoce no mundo do trabalho por jovens das classes desfavorecidas. Os mundos plurais nos apontam para a importância das inúmeras identidades disponíveis e os processos de negociações e disputas que são empreendidas por jovens na contemporaneidade.

As narrativas de Tiano e Xexél, por exemplo, nos apontam tanto para as influências oriundas do núcleo familiar, como também para as referências que podem ser buscadas devido a determinado contexto social. Para os jovens sambistas, a música se constitui enquanto um marcador identitário que é manifestada nos festejos carnavalescos através das atuações de mestre de bateria e intérprete.

O carnaval de rua de Bagé ajuda na formação dos territórios negros de ocupações interacionais, formando inúmeros espaços de socialização, como por exemplo, os desfiles que ocorrem na região central. São nestes desfiles que a circulação entre músicos tende a se potencializar, ao mesmo tempo em que espaços de sociabilidade negra podem ser forjados. O carnaval de rua de Bagé se caracteriza enquanto um espaço que forma musicistas e que colabora para a afirmação de uma identidade voltada para o samba, sem deixar de perceber, é claro, o caráter plural que está envolto nas construções identitárias dos jovens de periferia.

## Referências

BITTENCOURT Jr. L. Territórios Negros. In: SANTOS, I. (Org). *Negro em preto e branco: história fotográfica da população negra em Porto Alegre*. Porto Alegre: Do autor, 2005. p. 36-57.

FEIXA, C. & NILAN, P. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. *Políticas e Trabalho, Revista de Ciências Sociais*, [S. L] n.31. p. 13-28, Setembro, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6818>. Acesso em: 29 nov. 2021.

FRYDBERG, M. B. “*Eu canto samba*” ou “*Tudo isto é um fado*”: *uma etnografia multissituada da recriação do choro, do samba e do fado por jovens músicos*. 2011. 380 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GOÉS, C. & SANTOS, N. Rio de Janeiro orquestrador: espaço público e construção de territórios sonoros. *Mediação*, Belo Horizonte, v.17. n.21. p. 11-29, jul/dez, 2015. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/3467>. Acesso em: 29 nov. 2021.

LEITE, I. B. Território negro em área rural e urbana: algumas questões. *Textos e debates. NUER/UFSC*, Florianópolis, v.1 p. 39-46, S/D, 1991. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/126236/Textos%20e%20Debate%20No%202.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 29 nov. 2021.

MAIA, M. S. *O Sopapo e o Cabobu: etnografia de uma tradição percussiva no extremo sul do Brasil*. 2008. 278 p. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RAPOSO, O. & ADERALDO, G. Políticas públicas e produção artístico-cultural entre jovens das periferias de Lisboa e São Paulo. *Etnográfica. Centro em Rede de Investigação em Antropologia*. [S. L] (online), vol. 23 (1) p. 109-132, fevereiro, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/6395?lang=pt>. Acesso em: 29 nov. 2021.

RAPOSO, O.; ALVES, A. R.; VARELA, P.; ROLDÃO, C. Negro drama. Racismo, segregação e violência policial nas periferias de Lisboa. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [S. L] (online) S/V, n.119. p. 5-28, setembro, 2019. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/19827>. Acesso em: 29 nov. 2021.

RAPOSO, O. “Tu és rapper, representa arrentela, és red eyes gang”: Sociabilidades e estilos de vida de jovens do subúrbio de Lisboa. *Sociologia, Problemas e Práticas* [S. L] (online) S/V, n.64. p. 127-147, dezembro, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/spp/300?lang=pt>. Acesso em: 29 nov. 2021.

SILVA, R. R. “*Saí da vila e fui sambar lá no asfalto*”: *território, sociabilidade e identidade negra no carnaval de rua de Bagé RS*. 2019. 148 p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

## **La juventud de lo samba: representacione de la identidad negra en el carnaval de la calle de Bagé RS**

### **Resumen**

Este artículo pretende discutir sobre las representaciones de la identidad negra que se forjan los jóvenes músicos en el carnaval callejero de Bagé. Dentro de los territorios negros donde se realizan las prácticas de carnaval, la participación de los jóvenes tiene lugar mediante de numerosas experiencias musicales, que van desde la participación con diversos tipos de instrumentos, así como en la composición de sambas y sambas de enredo. Así, se observa que el periodo de carnaval potencia y aumenta la participación de los jóvenes en la búsqueda de la construcción de sus identidades. Este trabajo busca entender cómo se pueden forjar espacios musicales dentro de los territorios de la periferia y cómo los jóvenes que viven en estos espacios construyen sus diversas identidades, teniendo el carnaval como un importante período de socialización. Más allá del periodo momesco, estos jóvenes, al pertenecer a los territorios negros de Bagé, buscan construir sus identidades mediante de estilos de vida en los que la música se presenta de forma plural y diversa.

Palabras claves: Carnaval de Bagé; identidade; juventud; música.

## **Les jeunes de la samba: les représentations de l'identité noire dans le carnaval de rue de Bagé RS**

### **Résumé**

Cet article vise à discuter des représentations des identités noires forgées par les jeunes musiciens dans le carnaval de rue de Bagé. Dans les territoires noirs où se déroulent les pratiques carnavalesques, la participation des jeunes se traduit par de nombreuses expériences musicales, allant de l'utilisation de divers types d'instruments à la composition de sambas et de sambas de enredo. Ainsi, on constate que la période du carnaval stimule et renforce la participation des jeunes dans la recherche de la construction de leurs identités. Ce travail cherche à comprendre comment des espaces musicaux peuvent être forgés dans les territoires de la périphérie et comment les jeunes qui vivent dans ces espaces construisent leurs différentes identités, le carnaval étant une période importante de socialisation. Au-delà de la période momesco, ces jeunes, en tant qu'ils appartiennent aux territoires noirs de Bagé, cherchent à construire leurs identités à travers des modes de vie dans lesquels la musique est présentée de manière plurielle et diverse.

Mots-clés: Carnaval Bagé; Identité; jeunesse; musique.

## **Young people of samba: the black identities representations in the street carnival of Bagé RS**

### **Abstract**

This article aims to discuss the black identities representations that are forged by young musicians in Bagé's street carnival. Within the black territories where carnival practices are undertaken, the participation of young people occurs through numerous musical experiences, ranging from the involvement with various types of instruments, as well as in the composition of sambas. Thus, it can be seen that the carnival period boosts and awake the participation of young people in the search for the construction of their identities. This work seeks to understand how musical spaces can be forged within the territories of the periphery and how the young people who live in these spaces construct their various identities, having carnival as an important period of socialization. Beyond the momesque period, these young people, because they belong to the black territories of Bagé, seek their identity constructions through lifestyles in which music is presented in a plural and diverse way.

Keywords: Bagé carnival; Identity, music; youth.